

# Não Joguem Fora Seu Passado!

Às vezes, em nome do “progresso” ou da “conveniência”, abrimos mão de objetos de valor inestimável para a preservação da continuidade familiar. Pois é um erro que devemos evitar

**H**Á POUCO TEMPO vi meu vizinho e seu filho de 16 anos pintarem duas cadeiras velhas, cujos trincados e arranhões atestavam mais de um século de uso. A tinta branca escorria pelas fendas das barras e pingava nos jornais espalhados no chão. De repente o garoto perguntou irritado ao pai:

—Por que o senhor não dá estas velharias ao lixeiro?

O pai sorriu e respondeu:

—Porque estaria jogando fora parte de sua vida. Seus tetravós Susannah e Joseph quase perderam estas cadeiras—e as próprias vidas—no Grande Incêndio de Chicago.

—Joseph deixou Susannah e o filho de seis meses e saiu à procura de uma carroça para levá-los com seus

pertences para um lugar seguro. Logo que êle saiu, o armazém em frente pegou fogo. Desesperada, Susannah pediu socorro a um estranho que passava com uma carroça. Os dois carregaram a carroça, mas quando ela ia subindo, êle a empurrou. “A carroça está muito pesada; eu encontro você no lago”, disse o homem. Apavorada, Susannah compreendeu que o homem queria furtar-lhe os pertences. Abraçada à criança, ela agarrou-se à carroça e correu ao lado dela pelas ruas cheias de gente. Perto do Lago Míchigan ela encontrou Joseph ainda tentando conseguir uma carroça para salvar a família.

O rapaz ouvia atentamente, já sem a irritação. Quando êle nasceu,

já fazia 35 anos que Susannah e Joseph haviam morrido; mas, devido às cadeiras, era como se êles ainda lhe pertencessem.

Só recentemente, quando minha mulher respondeu a um anúncio de jornal que oferecia “uma cama feita à mão, velha de 100 anos”, foi que compreendi a importância da história contada por Bob. A família que estava vendendo a cama ia-se mudar para outra cidade. A dona da cama explicou que estava vendendo os móveis mais pesados para reduzir as despesas de transporte.

“Onze crianças da minha família nasceram nesta cama”, disse-nos ela. “Meu bisavô materno fêz esta casa quando se casou, mas, não podendo comprar os móveis, trocou uma calche pela cama e duas mesas. Vendemos as mesas ontem. Eram tão cheias de riquefifes que eu não acreditava que pudéssemos vendê-las.”

Quando saímos da casa vimos duas crianças da família brincando entre caixas e barris cheios dos pertences “leves”—vasilhames plásticos, utensílios de cozinha e brinquedos. Perguntei-me quanto da história da família, quanto da vida dêles estaria perdido quando a última peça de mobiliário antigo fôsse vendida, descartada pelas considerações práticas de outra mudança? Como viveriam aquelas crianças sem um testemunho duradouro da história da família, exceto uma sucessão de novos endereços em cidades estranhas?

Seja uma cadeira ou uma cama feita à mão, à sua maneira cada mo-

mento alimenta e protege um legado inapreciável—aquêles senso de tradição que faz parte da vida de cada um. Cada momento tranqüiliza as pressões e compensa a transitoriedade da vida diária. Como dizia meu avô, “precisamos sempre de velhas lembranças e de novas esperanças”.

Um conhecido meu, que se mudou de casa cinco vezes em sete anos, compensa a sensação de alma errante com um velho relógio de aparador—herança de família—que só funciona esporadicamente. “Às vezes, quando estou deprimido ou aborrecido”, diz êle, “escuto o tique-taque dêsse relógio e penso nas horas boas e más que êle marcou durante cinco gerações de nossa família. Ocorre-me então que outros antes de mim passaram por momentos mais difíceis do que os que me podem acontecer, e logo esqueço meus aborrecimentos.”

Recentemente fui testemunha dos esforços que fazem certas pessoas para “descobrir” um legado pessoal que não foi preservado. Numa feira de bricabraque vi um retrato desbotado de uma família posando diante de uma casa nova. Várias crianças estavam ajoelhadas aos pés de um casal, a mulher com um bebê no colo. De um lado, em cadeiras, estavam os avós. Um letreiro acima do quadro dizia: “Quem quer uma família já completa?” Ri do cartaz, e fui andando. Mas quando passei de nôvo naquela barraca a fotografia já tinha sido vendida. Disse-me o negociante que só conseguiu vender velhos retratos de família quando passou a uti-

lizar aquêl cartaz. Hoje êle vende todos os que expõe.

Mas tradição não pode ser comprada como se compra um aparelho de porcelana ou um utensílio de cozinha. Os legados de família precisam ser preservados. Muitas vêzes precisam ser salvos. Ou então devem ser criados.

Por exemplo: um colega meu, em visita a uma tia solteirona, ficou estarrecido quando ela lhe pediu para levar para a garagem várias caixas de "badulaques" que ela reunira para o lixo. Em uma caixa, debaixo de umas peças de roupas velhas, êle encontrou uma Bíblia da família que êle nunca tinha visto. Nas primeiras páginas estavam anotadas as datas dos nascimentos, mortes, as profissões e os nomes de pessoas de cinco gerações da família. Na parte do Novo Testamento a avó tinha deixado uma rosa amarela com a anotação a tinta prêsa no pedúnculo: "Primeira contradança com John, 28 de setembro de 1889." Ela e John se casaram depois. Agora, em cada Natal, a velha Bíblia da família é retirada da estante para que a história do nascimento de Cristo seja lida para a família.

A oportunidade de criar um legado às vêzes surge de maneira estranha, mas nunca deixa de ser uma ocorrência maravilhosa. Pouco de

pois de seu casamento há muitos anos, um companheiro de escola estava apenas com alguns níqueis no bôlso para se agüentar de têrça a sexta-feira, que era o dia de pagamento. Êle e a mulher foram de carro à zona rural e compraram dois cêstos de maçãs. Na volta compraram um jarro de barro. Em casa descascaram, descaroçaram e cortaram as maçãs em pedaços para fazer purê e torta de maçã. Guardaram o purê no jarro e foram lambiscando dêle até ao dia do pagamento. A torta êles comeram no jantar da têrça-feira.

Hoje êles têm uma casa, dois filhos e nenhum problema de esperar os dias de pagamento. Mas todos os outonos êles vão à zona rural e compram dois cêstos de maçãs, descascam, descaroçam e cortam as maçãs e fazem torta e purê. Guardam o purê no mesmo jarro de barro e comem a torta na sobremesa do domingo.

Há pouco meu sogro deu-me uma travessa que pertencia à família há sete gerações. Com a travessa vieram sete páginas de anotações, uma de cada antigo proprietário da travessa. A travessa e as anotações relativas à história da família passarão aos nossos filhos com mais uma página.

Estaremos preservando parte do nosso legado, mas teremos também a oportunidade de criar outros—quando escrevermos aquela oitava página.



**A**GENTE de seguro ao cliente em potencial: "Não quero assustá-lo e forçá-lo a tomar uma resolução precipitada. Reflita esta noite. Se acordar amanhã, dê-me a sua resposta."

—Register de Denver